

Joaquinzão opta pela omissão

As divergências com Magri e com a CUT obrigaram o presidente da CGT a não declarar apoio no 2º turno

MAYSA PENNA

Ao contrário de Antônio Rogério Magri, presidente de Confederação Geral dos Trabalhadores, que já declarou publicamente o apoio de sua entidade ao candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, o presidente da Central Geral dos Trabalhadores (a outra CGT), Joaquim dos Santos Andrade, transferiu para suas bases estaduais a decisão de apoiar ou não um dos dois

candidatos à Presidência da República no segundo turno.

A posição de Joaquinção, porém, é desconfortável. Em plena batalha judicial com Magri pela posse da velha CGT (a Confederação), Joaquinção não pode, agora, apoiar o mesmo candidato de seu rival. Ao mesmo tempo, o confronto entre a CGT e a CUT, permanente, nas próprias palavras do sindicalista, o impede de apoiar Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, candidato natural dos trabalhadores.

A decisão final caberá aos delegados estaduais da Central, em reunião marcada para o dia 1º de dezembro, em Brasília. Joaquinção antecipou apenas que a entidade não ficará em cima do muro, "embora possamos ficar contra os dois", ressaltou.

E no caso de os representantes optarem por um dos dois candidatos, a CGT não entrará em qualquer campanha. O máximo que Joaquinção concede, nas atuais circunstâncias, é formalizar pulcamente a decisão que seus representantes tomarem. "Não vamos segurar a barra de campanha nenhuma", garantiu o sindicalista.

Joaquinção falou ontem, em São Paulo, logo após uma reunião da executiva nacional da Central. Incomodado com o fato de se ver obrigado a assumir uma posição pública em favor deste ou daquele candidato, o sindicalista preferiu criticar os dois. "São ambos de extrema, o que dificultará qualquer conversa", afirmou.

Mesmo assim, garantiu que

a sua CGT sentará à mesa de negociações com o futuro presidente, seja quem for. "Isso não significa que iremos apoiar seu programa." Ao contrário: Joaquinção já avisou que não aceita nenhum redutor de salários. Ou seja, sem reposição integral da inflação não negocia nada. Quanto às greves, garantiu que elas dependerão das demandas sociais. "O próximo governo terá de saber que não poderá controlar a inflação cortando salários", avisou. Desde já, a CGT de Joaquinção está disposta a segurar firme a bandeira das reivindicações trabalhistas. Principalmente diante da possibilidade de Lula ser eleito. Nesse caso, Joaquinção não duvida, "a CUT vai afinar, mas nós não. Nunca".